



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

Lucas Marques Sampaio

A narrativa da confissão:

Uma análise dos quadrinhos Autobiográficos

Brasília

2013

Lucas Marques Sampaio

A narrativa da confissão:

Uma análise dos quadrinhos Autobiográficos

Trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais, bacharel, ministrada no Instituto de Artes (IdA), Departamento de Artes Plásticas da Universidade de Brasília – UnB.

Orientador: Professor Eduardo Belga

Brasília

2013

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
1. PANORAMA HISTÓRICO DAS HQ'S AUTOBIOGRÁFICAS.....	07
1.1 Robert Crumb.....	10
1.2 Harvey Pekar.....	14
1.3 Art Spiegelman e os Comix.....	17
2. CONFISSÃO: CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO AUTOBIOGRÁFICO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	18
2.1 Binky Brown Meets The Holy Virgin Mary.....	23
2.2 Retalhos.....	25
3. CESARIANA.....	27
3.1 Motivações.....	29
BIBLIOGRAFIA.....	31

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Citizen 13660.....	08
Figura 02 - Citizen 13660.....	08
Figura 03 - Linha do tempo das HQ`s autobiográficas.....	09
Figura 04 - CRUMB, Robert. <i>Minha Vida</i>. Pg. 26.....	13
Figura 05 - PEKAR, Harvey. <i>Dois Anti-Heróis Americanos</i>. Pg. 15.....	16
Figura 06 - CRUMB, Robert. <i>A Mente Suja de Robert Crumb</i>. Pg. 204.....	22
Figura 07 - GREEN, Justin. <i>Binky Brown Meets The Holy Virgin Mary</i>. Pg. 14.....	25

INTRODUÇÃO

O trabalho prático que apresento no projeto de diplomação, se trata da produção do segundo capítulo de uma história em quadrinhos autobiográfica. O primeiro capítulo contém trinta e sete páginas e o segundo trinta páginas. O que apresento é um trabalho em processo, contendo a finalização de uma de suas etapas.

Sua história se refere a um período de minha adolescência em que acompanhei as crises e as dúvidas existenciais de dois amigos próximos. Bem como a minha inserção na “*Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*”, conhecida pelo nome de Mórmon, e a posterior trajetória de meu afastamento religioso. Assim, a narrativa se divide em relatos e confissões que tratam de minhas memórias e um apanhado de momentos significativos de experiências que partilhei com dois amigos. Minha análise versa sobre esse gênero de quadrinho, o autobiográfico.

Observa-se no mercado editorial contemporâneo de histórias em quadrinhos um crescente número de histórias autobiográficas. Estas parecem ter se tornado uma tendência entre os vários escritores/ilustradores do gênero, como Robert Crumb, Art Spiegelman, Marjane Satrapi, David Small, Guy Delisle, entre outros. Porém, se analisarmos as origens dessa forma de contar histórias, caracterizadas por se formarem como imagens pictóricas justapostas em sequência deliberada¹ (MCCLLOUD, 1993, p.9), e atualmente conhecida como histórias em quadrinhos, será possível identificar que esta talvez seja uma das mais remotas formas de se narrar eventos do cotidiano, ficções, histórias, assim como manuais didáticos ou técnicos. Pois, esta forma de representação sequencial e narrativa já estava presente nas artes rupestres e, posteriormente, na arte egípcia encontramos formas bem semelhantes a que temos nas atuais histórias em quadrinhos. O que demonstra que esta é uma forma expressiva que remonta ao início da civilização. (MCCLLOUD, 1993, p.13, 14 e 15)

Estas narrativas encontraram novas contextualizações de acordo com as mudanças históricas e sociais da civilização, como a evolução da escrita/narrativa e a criação da indústria gráfica. Assim, muitos autores encontraram nesse meio de comunicação, uma

¹ Scott McCloud chega a essa definição numa busca de tentar definir as características específicas dos quadrinhos como uma linguagem artística autônoma e assim, encontrar o que há de essencial para se definir algo como uma história em quadrinho, independentemente de seu conteúdo.

possibilidade de expressarem suas impressões a respeito de suas próprias vidas e seu meio, analisando suas memórias e seus cotidianos. Muitas vezes esses quadrinhos parecem funcionar como uma espécie de “acerto de contas com o passado” (*André Conti, editor do selo Quadrinhos na Cia, Companhia das Letras. 2012*)². Rogério Campos, editor da Conrad, revista Animal e Veneta diz:

Surge uma geração em que as pessoas querem se comunicar, os quadrinhos autobiográficos têm uma coisa que funciona muito bem, porque ao mesmo tempo em que eles têm uma linguagem e uma apreensão de massa, ele tem uma feitura de literatura, porque você faz sozinho, cria um espaço de uma liberdade e de uma intimidade. E o melhor lugar pra se expressar essa memória é nos quadrinhos. (ALMEIDA, 2012, p.3)

Esse “acerto de contas com o passado”, como diz André Conti, em outras palavras pode ser definido como um discurso de confissão do autor, em que ele revela e expõe abertamente momentos de sua vida, que lhe marcaram de uma forma tão intensa ou significativa a ponto de se interessar por representar gráfica e textualmente esses eventos.

Para analisar a presença dessa forma de discurso nos quadrinhos, apresentarei um apanhado histórico desse tipo de produção e analisarei algumas obras de relevância para a pesquisa, tanto por encontrar nelas características temáticas semelhantes a da minha própria produção como bacharelado, quanto a questão do enfoque religioso que elas apresentam. Pois o discurso de confissão tem sua origem etimológica nesse contexto, como será tratado no desenvolvimento do trabalho.

Dessa forma, o que a pesquisa pretende abordar e analisar são as motivações e variações de recursos visuais e narrativos no processo de reestruturação de eventos e acontecimentos tratados por alguns autores do gênero em suas obras e como o discurso de confissão se encontra de formas variadas entre eles.

² ALMEIDA, Carol; “Vidas em Prol da Ficção”; Suplemento / Capa / p. 3 / Artigo 57; ALMEIDA, Carol: <http://www.suplementopernambuco.com.br/index.php/edicoes-antiores/11.html>).

1. PANORAMA HISTÓRICO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS AUTOBIOGRÁFICAS

Em diversas histórias em quadrinhos autorais é perceptível certos elementos autobiográficos, em que o autor não necessariamente se coloca ali explicitamente como personagem, mas pode muitas vezes colocar momentos de sua vida em uma de suas ficções, bem como características de sua própria personalidade em um personagem fictício. A dose de ficção e realidade numa história em quadrinho pode ser bastante relativa. A imagem pode, por exemplo, funcionar de forma oposta ao que a narrativa apresenta, ou conter características fantásticas enquanto o texto é documental, ou vice-versa. No entanto, nem todos os autores pretendem fazer um trabalho autobiográfico, apenas se utilizam dessa possibilidade para criar personagens ou situações mais reais ou verossímeis. Enquanto que algumas já são vendidas e divulgadas sob a marca desse gênero. Assim, tratarei na pesquisa exatamente desse gênero, de autores e obras já definidas como autobiográficas e já realizadas a partir do momento em que a indústria gráfica e a imprensa se encontravam consolidadas.

Em *“1001 comics you must read before you die”*, o organizador e autor, Paul Gravett, traz um apanhado do que seria o cânone dos quadrinhos, apresentados em ordem cronológica. O primeiro trabalho autobiográfico listado no livro, *“Citizen 13660”* de Miné Okubo, foi publicado como um livro ilustrado e não como um quadrinho. No entanto, devido as suas características e proximidades com as atuais obras do gênero, Paul Gravett abordou o trabalho como um quadrinho do gênero autobiográfico.

A referida obra tem sua origem de uma autora nipo-americana nascida em Riverside, Califórnia em 1912, Miné Okubo. *“Citizen 13660”*³ foi publicado em 1946 e se trata de um relato histórico de nipo-americanos que foram forçados a sair da cidade para viver em campos rurais durante a 2ª Guerra Mundial. O relato se dá a partir da experiência da autora, que viveu esse evento e o relata a partir de uma espécie de diário gráfico, onde combina desenhos e descrições em cada página de seu livro. Não há balões de fala e tanto os desenhos quanto a parte escrita destinam-se a documentar as condições dos campos em que os nipo-americanos tiveram que viver nesse período.

³ Okubo, Mine. *“Citizen 13660.”* New York: Columbia University Press, 1946. New York: Arno Press 1978. Seattle: University of Washington Press, 1983.

Suas imagens desenhadas em nanquim, durante sua estada no campo, revelam com proximidade e expressividade aspectos que acrescentam uma dose de humor e intimidade a narrativa⁴. Eles apresentam emoções e contradições por trás dos fatos secos (Fig. 01 e 02), a presença da autora nas imagens é constante (personagem feminino de cabelo preto, representada geralmente nas extremidades das páginas). Foi publicado assim que a guerra tinha acabado de terminar, o que tornou sua recepção difícil devido ao trauma recente na vida dessas pessoas.



There was a lack of privacy everywhere. The incomplete partitions in the stalls and the barracks made a single symphony of yours and your neighbors' loves, hates, and joys. One had to get used to snores, baby-crying, family troubles, and even to the jitterbugs.

Figura 01 e 02 – (Citizen 13660)

⁴ http://www.indyworld.com/indy/summer_2004/kelso_okubo/

Os dois próximos quadrinhos autobiográficos (Fig. 03) publicados também vem de autores japoneses. Shinji Nagashima (1937-2005) com “*Cruel Tale of a Cartoonist*” (1961), Yoshiharu Tsuge (1937) com “*Screw-Style*” (1968). Ambos artistas que trabalharam na famosa revista “*Garo*” fundada em 1964 por Katsuichi Nagai⁵. Enquanto o trabalho de Nagashima era mais cômico, o de Tsuge era mais dramático e surreal. Mas os quadrinhos autobiográficos se consolidariam como um gênero narrativo na década seguinte com a publicação de duas obras, a japonesa “*Gen – Pés Descalços*” de Keiji Nakazawa (1939-2012) e a americana “*Binky Brown Meets The Holy Virgin Mary*” de Justin Green (1945), ambas lançadas em 1972. Porém, nesse mesmo ano um grupo de mulheres organizaram a revista “*Wimmen’s Comix*”, formado por artistas como Trina Robbins (1938), Patrícia Moodian e mais tarde Aline Kominski-Crumb⁶. E que também publicava material autobiográfico.

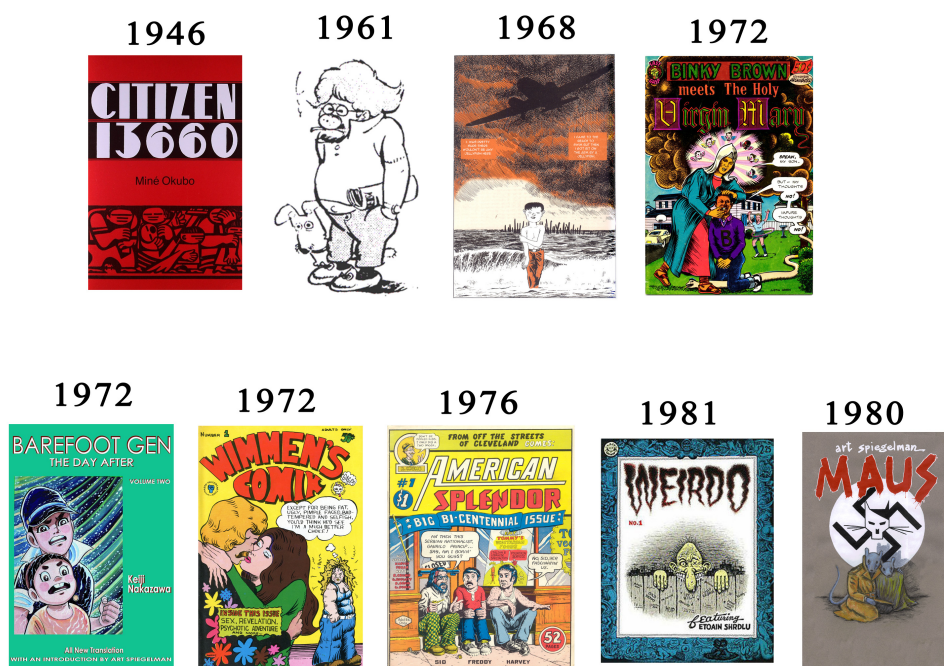


Figura 03 – (Linha do tempo das HQ’s autobiográficas)

“*Gen – Pés Descalços*” foi um grande sucesso mundial. Ele retrata a vida de Gen (alter ego do autor) e sua família, camponeses residentes em Hiroshima no período da 2ª

⁵ http://en.wikipedia.org/wiki/Autobiographical_comics

⁶ http://en.wikipedia.org/wiki/Wimmen's_Comix

Guerra Mundial, que tem suas vidas transformadas depois do lançamento da bomba atômica. O quadrinho foi lançado de forma seriada em várias revistas até sair seu último volume em 1985.

Já “*Binky Brown Meets the Holy Virgin Mary*” que foi lançada ainda um pouco antes de “*Gen – Pés Descalços*” pela editora Last Gasp Eco Funnies ficou mais conhecida como a primeira história em quadrinho autobiográfica longa, com 44 páginas. E seu autor, Justin Green, ficou conhecido nos Estados Unidos como o “pai das histórias em quadrinhos autobiográficas”⁷. Tendo influenciado fortemente autores como Art Spiegelman e Robert Crumb, autores de grande destaque e importância, responsáveis em grande parte pela difusão e popularidade que o gênero adquiriu. Assim tratarei desses autores, em particular, devido as mudanças e transformações que eles representaram para o gênero.

1.1 Robert Crumb

Em 1968, Robert Crumb (1943) começa a publicar suas histórias em quadrinhos pela “*Zap Comix*”⁸ e em 1981, com a publicação da revista “*Weirdo*”⁹ ele passa a experimentar histórias autobiográficas. Com produções de episódios polêmicos e controversos de sua vida. Para entendermos a contextualização de sua obra seria necessário comentar o panorama do cenário cultural norte-americano, pois lá foi o lugar onde tivemos os primeiros indícios das características desse gênero literário na forma como Crumb a explora.

Por volta dos anos 1950, os Estados Unidos pós 2ª Guerra Mundial e prestes a entrar na guerra do Vietnã, estavam passando por um período de forte questionamento por parte de movimentos estudantis e intelectuais engajados. Nesse contexto, um notável movimento de contracultura, inspirados pelo dadaísmo e o surrealismo, que

⁷ [http://en.wikipedia.org/wiki/Justin_Green_\(cartoonist\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Justin_Green_(cartoonist))
<http://www.tcj.com/the-abc-of-auto-bio-comix-2/>

⁸ Zap Comix: fanzine precursor do chamado “Quadrinho Underground”, publicado a partir de 1968. Composto pelos artistas S. Clay Wilson (1941), Victor Moscoso (1936), Robert Williams (1943), Spain Rodrigues (1940), Gilbert Shelton (1940), Rick Grffin (1944-1991) e Robert Crumb (1943)

⁹ Revista mensal, criada em 1981 por Robert Crumb.

também questionavam a razão do homem em face ao irracionalismo das grandes guerras, começa a emergir no cenário artístico e intelectual, a conhecida *Beat Generation*. Movimento que mais tarde daria origem aos hippies e diversos outros movimentos de oposição ao imperialismo e ufanismo norte-americanos. Assim, autores como Allen Ginsberg (1926-1995), William Burroughs (1914-1997), Jack Kerouac (1922-1969) e outros ligados ao movimento de contracultura, passaram a questionar em seus livros os valores da sociedade americana conservadora, que era por eles considerada como hipócrita e injusta.

A escrita desses autores se caracterizavam por tratar de temas tidos como tabus, como por exemplo, o consumo de drogas ilícitas, a delinquência, a homossexualidade, o sexo livre e outras temáticas que a sociedade conservadora repugnava¹⁰. Além disso, um outro aspecto bastante notável em seus livros, é o fato de que, muitas vezes, eles escreviam sobre si mesmos e sobre pessoas as suas voltas. Estes autores ajudaram a legitimar o gênero autobiográfico como uma forma de arte reconhecida pela crítica e pelo público. Assim, ao tratarem de temas controversos, onde os personagens eram eles mesmos, podemos observar que eles buscavam abordar as contradições morais da sociedade sem se preocupar com os julgamentos que esta faria. Pois, eles falavam sobre coisas que a burguesia, hipocritamente, não admitia. Aspecto também presentes nos primeiros quadrinhos autobiográficos de Robert Crumb, que lia e se inspirava nesses autores. (CRUMB, 2010)

Crumb era uma pessoa tímida e com dificuldades de relacionamento. Então, como reação a tudo isso, ele passou a desenhar compulsivamente em seus cadernos para não precisar lidar com pessoas a sua volta e assim passou a fazer diários gráficos, contendo suas impressões e críticas as estas pessoas, com grandes doses de humor e ironia. Isso lhe rendeu fama e ele passou a atrair mais pessoas ao redor de si (CRUMB, 2010, p. 42). Assim, sua aversão social e dificuldades de convivência o levou a tomar medidas mais fortes. Com isso, ele passou por uma fase de grande consumo de drogas e como os *beatniks*¹¹, narrou suas experiências com alucinógenos e outros entorpecentes e produziu trabalhos sob o efeito destas (CRUMB, 2010, p. 53). Isso era encarado pelos *beatniks*, como uma forma de expansão da consciência e por isso viam importância em relatarem essas experiências. Com sua fama, Robert Crumb também passou a atrair a

¹⁰ PEKAR, Harvey; PISKOR, Ed; BUHLE, Paul; “Os Beats”; Editora Benvirá; 2010.

¹¹ Autores e artistas ligados ao movimento de contestação Beat.

atenção de várias mulheres e então ele também passou a descrever suas experiências sexuais. Relatos que devido ao seu caráter explícito ou repulsivo, resultavam em uma espécie de confissão autocrítica (CRUMB, 2010, p.14). Ao retratar esses eventos, desprovido de qualquer senso de pudor, o autor explora suas obsessões sem se impor qualquer limite. O que acabou por tornar suas histórias muito polêmicas, visto a crueza visceral de seus desenhos e relatos, sendo ele muitas vezes acusado de misoginia e perversão. Porém, se analisarmos o trabalho de Robert Crumb, podemos observar que sua depreciação não se resume aos outros, mas ela também se estende a sua própria auto-representação. Na figura 04, página de “*Minha Vida*” (CRUMB, 2010, p.26), por exemplo, podemos perceber que à medida que seu humor se altera, as representações que faz de si mesmo também se modificam, acentuando as características e aspectos de sua personalidade, que como ele mesmo diz “só depende do meu humor no momento”.



Figura 04 – (CRUMB, Robert. *Minha Vida*. Pg. 26)

1.2 Harvey Pekar

Posteriormente, Robert Crumb conheceu Harvey Pekar (1939-2010) num bazar de discos antigos de jazz e blues, gêneros musicais adorado por ambos. Harvey Pekar também era fã de quadrinhos e costumava colecioná-los. Ao ver os quadrinhos de Crumb ele ficou muito entusiasmado com o gênero e estilo que o autor estava inaugurando nesse meio. Pekar trabalhava como arquivista num hospital de Cleveland, Ohio (EUA) e um dia, cansado e estressado com a mesmice de sua vida, também decidiu escrever sobre seu dia-a-dia. Porém, Pekar não tinha o menor jeito com desenho e ao mostrá-los ao seu amigo Crumb, pediu a este que desenhasse. Crumb gostou da ideia e em 1976, eles inauguraram a “*American Splendor*”¹², publicado no Brasil com o nome “*Bob & Harv Dois Anti-Heróis Americanos*” (editora Conrad, 2010).

A partir de Pekar, os quadrinhos autobiográficos tomam um novo impulso. Suas histórias narram o dia-a-dia de um homem banal, aficionado por jazz, compulsivo por colecionar coisas, hipocondríaco e entediado com seu trabalho. Sua narrativa busca apenas relatar o cotidiano de um cidadão normal e cheio de defeitos, de forma simples e crua, sem a menor tentativa de fazer de sua vida algo extraordinário. Com “*American Splendor*”, temos o início de verdadeiras crônicas do cotidiano nos quadrinhos e como a revista era publicada de forma seriada, é bastante perceptível a forma como o autor lida com seu dia-a-dia. A respeito de seu trabalho, o autor disse: “Sou um escritor realista: Eu tento empurrar as pessoas para suas próprias vidas.”(tradução nossa)¹³

No próprio desenvolvimento narrativo e visual de algumas páginas de “*American Splendor*”, o uso de recursos estilísticos que intensificam o aspecto estático e repetitivo de seu cotidiano pode ser perceptível com uma análise da obra. A figura 05 é a primeira de quatro páginas que mantém o mesmo enquadramento e número de requadros por página. Nelas, o próprio autor está relatando questões em torno de seu nome e um fato ocorrido com ele incluindo pessoas desconhecidas, mas com o mesmo nome que o seu. Ao contrário do que os quadrinhos buscavam até então, nestas páginas não há qualquer dinamismo ou intenção de impressionar o leitor. Não há ações contrastantes entre os quadros, neles apenas o autor conversa com o leitor, numa espécie de monólogo, com

¹² Evento narrado no filme “O Anti-Herói Americano” de Shari Springer e Robert Pucini, 2003. Com participação e narração do próprio Harvey Pekar.

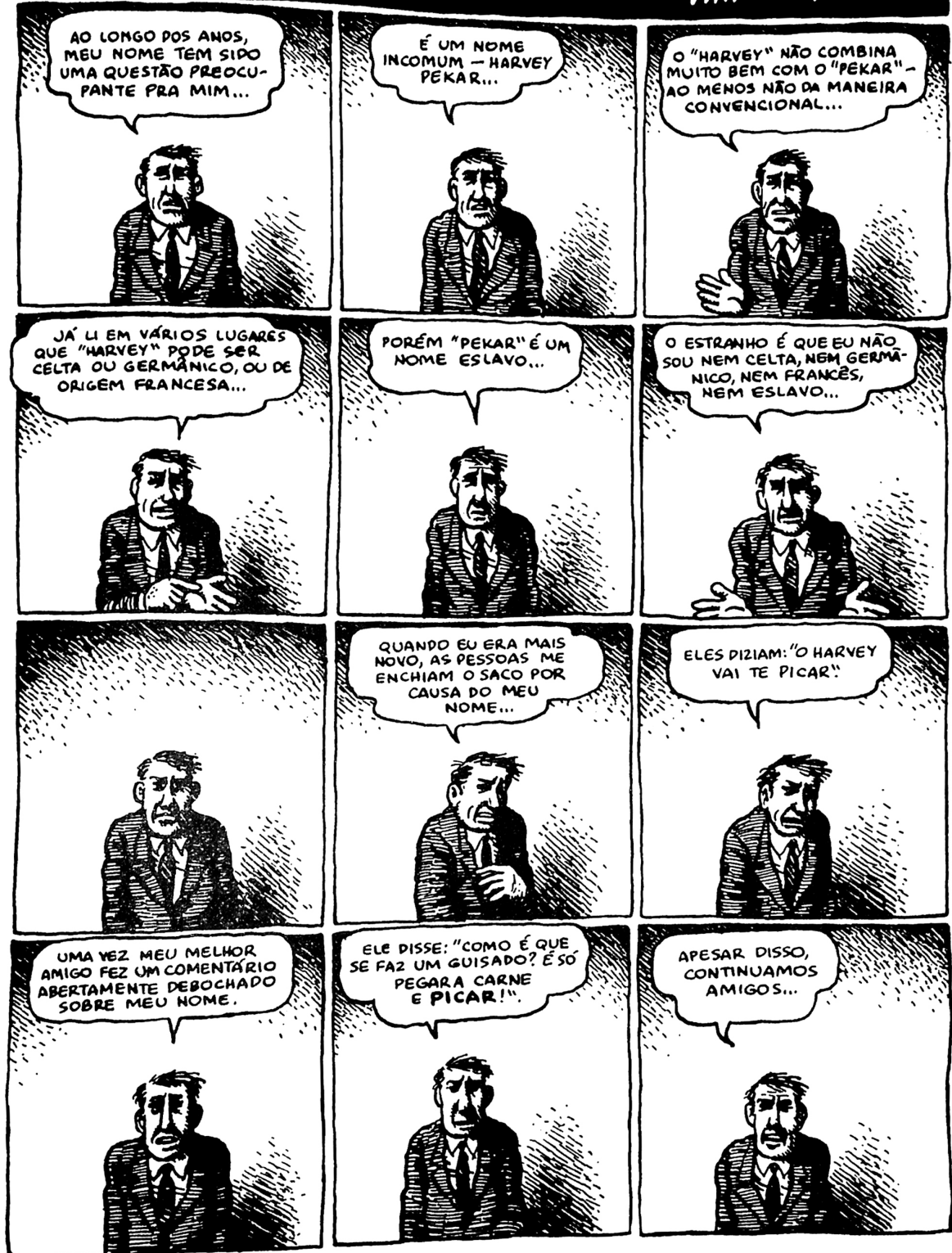
¹³ “I’m a realistic writer: I try to push people’s faces into their own lives.” RHODE, Michael; artigo “Harvey Pekar Conversations”; <http://www.upress.state.ms.us/books/1130>

pequenas variações de movimentos entre os quadros. Onde não só por meio das falas do personagem, mas também através da disposição dos quadros e o desenho ríspido de Crumb, somos levados ao cotidiano repetitivo e quase inalterado do autor. Pekar reflete em suas páginas eventos aparentemente banais, porém é possível perceber que nesses relatos do seu dia-a-dia como arquivista de um hospital, Pekar reflete dúvidas e crises de sua própria identidade. Na figura 05 , “*História do nome Harvey Pekar*” (PEKAR, 2010, p. 15.), Pekar, ao expor suas dúvidas em relação a origem de seu nome, bem como a origem de seus homônimos encontrados em listas telefônicas, está também expondo dúvidas em relação a sua própria identidade, ele conclui a história se questionando: “Quem são essas pessoas? De onde vêm, o que fazem? Qual a importância de um nome? Quem é Harvey Pekar?”. Ele busca respostas ao colocar questões que o ajudem a analisar sua própria identidade. Se um nome tão excêntrico e pouco comum chegou a aparecer tantas vezes nessas listas telefônicas, significa que ele não é tão incomum assim quanto pensava. Ele não “era um nome único” como sua esposa havia comentado (HARVEY, 2010, p. 17). Harvey Pekar é mais um no meio da multidão, um transeunte qualquer. Ao estabelecer essa relação nominal com pessoas desconhecidas, Pekar se posiciona como um cidadão comum. Ele pode ser o outro. Nada de especial o distingue dos demais. Esse episódio é bem emblemático de sua obra, um homem comum em busca de significados no cotidiano de sua vida, da intensidade da vida real (CERTEAU, 2000.).

A HISTÓRIA DO NOME HARVEY PEKAR

ROTEIRO DE HARVEY PEKAR

ARTE DE R. CRUMB



1.3 Art Spiegelman e os Comix

Próximo ao início de sua carreira, Art Spiegelman (1948) escreveu uma obra que mais tarde lhe renderia o prêmio Pulitzer em 1992 e estaria consolidada no cânone dos quadrinhos mundiais “*Maus : a história de um sobrevivente*” (Companhia da Letras, 2009), publicada em 1980. Onde Spiegelman narra a história de sobrevivência de seu pai, Vladek, nos campos de concentração nazistas de Auschwitz. Assim como retrata as dificuldades de relacionamento do autor com o próprio pai.

“*Maus*” foi a história em quadrinho responsável por popularizar o gênero autobiográfico mundialmente devido ao seu grande sucesso. Chegou a ser traduzido em mais de 30 idiomas e em todas o título “*Maus*” (“Ratos” em alemão) continuou inalterado a pedido do autor¹⁴.

A partir de “*Maus*” e outras histórias autobiográficas de Spiegelman, além de sua revista “*Raw*”, fundada em 1980 e editada em parceria com sua esposa, Françoise Mouly, até 1991, uma nova onda de publicações, principalmente underground e independentes, conhecidas como “comix” vieram a tomar espaço no cenário das histórias em quadrinhos. E mais tarde temos autores de diferentes regiões do mundo com diversos estilos e formas de abordagens autobiográficas como Marjane Satrapi, Craig Thompson, David B., Chester Brown, Joe Matt, Alison Bechdel, David Small, Guy Delisle, Joe Sacco, Frédéric Boilet, Kazuichi Hanawa e também brasileiros como DW Ribatski e Caeto, entre outros em produção atualmente. Desde então, o gênero passa a ter mais espaço e destaque nessa mídia e se torna uma vertente específica nos quadrinhos.

¹⁴ http://en.wikipedia.org/wiki/Art_Spiegelman

2. CONFISSÃO: CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO AUTOBIOGRÁFICO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Uma das questões que podem ser colocadas a respeito da narrativa autobiográfica é o porque de o autor resolver retratar a si mesmo e sua vida a partir de seu próprio ponto de vista. Quais suas motivações e interesses? Quais as características do discurso autobiográfico?

Se formos mais abrangentes e procurarmos a origem do discurso autobiográfico, iremos nos deparar com obras que remontam ao período medieval. Entre elas, considerada como a primeira obra com características explicitamente autobiográficas, está as “*Confissões*” de Santo Agostinho, escrita em 397. Obra em que o autor conta, através de um discurso bastante hermético e filosófico, a história de sua conversão ao cristianismo. Nele, como diz o próprio título, o autor expressa uma necessidade de se confessar, de retornar ao seu passado e analisar sua vida e seus ensinamentos até chegar a sua maturidade espiritual. Se pegarmos a etimologia da palavra, teremos: “do Latim *confiteri*, “conhecimento”, de com-, intensificativo, mais *fateri*, “admitir”. O particípio passado é *confessus*, “aquele que admite a culpa, confesso.”¹⁵

É dessa palavra que identifico a raiz de grande parte dos discursos autobiográficos nos quadrinhos, a confissão. E como demonstra a etimologia da palavra, o princípio da necessidade de se confessar advém de algum sentimento de culpa. O que nos leva a outro ponto: se há alguma culpa é porque algo não está resolvido na consciência do indivíduo, porque algo ainda lhe traz insatisfação ou que a verdade sobre determinado(s) fato(s) de sua vida ainda não foi(foram) suficientemente esclarecido(s). Dessa necessidade de se confessar, o indivíduo que confessa assume um compromisso com a verdade e a sinceridade sobre os fatos, por mais que sejam vergonhosos ou difíceis de tratar. É uma necessidade de passar a limpo aquilo que carecia de análise e reflexão, de esclarecer os logros e buscar atingir o cerne dos porquês e das consequências dos acontecimentos. No entanto, esse discurso não se resume a uma concepção religiosa, como o caso de Agostinho. Ele pode se estender não apenas a uma relação de desconforto diante do divino, mas também diante de qualquer situação. Porque a sensação de desconforto, de culpa pode advir de alguma reação a uma

¹⁵ <http://origemdapalavra.com.br/palavras/confissao/>

manifestação social. Embora a relação do indivíduo para com outro em comparação a relação deste com o divino tenha características e finalidades diversas. O autor Chester Brown disse que “para ele o quadrinho autobiográfico é catártico e o ajuda a entender melhor sua vida.” (KIOSKERMAN, 2013, p. 19) E é nessa perspectiva que identifico um dos pontos motivadores das obras em quadrinhos desse gênero, uma forma de o autor lidar consigo mesmo. Essa mesma perspectiva também é sustentada pelo autor de tiras argentino, Kioskerman, que disse, em entrevista a revista “*Antilope 1*”, “A autobiografia, que tanto aprecio ler, é uma confissão. (...) Um testemunho de um ser humano nessa vida, nesse planeta.” (KIOSKERMAN, 2013, p. 17).

Podemos observar um exemplo de como esse sentimento perdura. Embora no caso apresentado, já com outras características que não a redenção religiosa, mas talvez uma redenção social. Na figura 06 (pág. 204, “*A mente suja de Robert Crumb*”) vemos a página de um dos rascunhos autobiográficos de Robert Crumb, temos um exemplo claro desse discurso que identifico, de uma forma ou de outra, em praticamente todos os quadrinhos autobiográficos. Nela, Robert Crumb se retrata realizando um fetiche sexual. E no texto que ele escreve ao redor podemos identificar essas características. Ele diz: “O que? O que eu poderia ter dito? “Não, nós não deveríamos fazer isso, isso é muito pervertido?”. E embaixo, personificando a voz do público: “Tá certo, Bob, tudo bem... mas por que você tem que mostrar isso para o público? O que está tentando provar?? ... É ... hã... é uma ode... dedicada a um momento de êxtase! Isso tá bom?”. O que vemos nessas páginas de Crumb, é essa necessidade de expor sem receios, características de sua vida que são geralmente repugnadas pela moral conservadora. Fazendo uma confissão daquilo que sente e pensa em relação a isso. Ele admite que, por mais que seja sórdido e pervertido, ele sente prazer nessas ações e essa é sua confissão, sua forma de se expor e, de certa forma, se redimir de seus “pecados”. Por mais que não seja uma confissão religiosa, ela ainda guarda um caráter de redenção ao se fazer, há o aspecto de retratação, uma espécie de acerto de contas, de que ao mostrar ele está dividindo com o leitor algo que era só dele e assim a partir do momento que o leitor entra em contato com aquilo, ele o carrega de certa forma, há uma divisão, a culpa não é mais só do autor, é do gênero humano. Pois a obra, quando entra em contato com o público, deixa de ser algo somente do autor e se torna algo coletivo, compartilhado. Sua necessidade de confissão não se consolida numa esperança divina de salvação, mas apenas numa necessidade de ser sincero e de se aceitar como é. Uma espécie de contrato com o leitor,

uma forma de ganhar a confiança e a proximidade dele através da sinceridade. Se um sentimento de culpa tiver levado Crumb a querer se confessar é porque essa culpa lhe foi implantada por um senso moral e dentre as suas necessidades podem estar a de demonstrar que isso é hipócrita, pois ele não seria ingênuo de crer que é o único na sociedade a dar vazão às suas perversões.

Nesse sentido, o que busco expor é que é através dessa dialética, de confissão e desse jogo de reciprocidade (entre o autor, por meio de sua exposição, e o leitor, por meio de sua identificação), que se constrói e se motiva grande parte das narrativas autobiográficas nos quadrinhos, como “*Retalhos*” de Craig Thompson, “*Binky Brown meets the Holy Virgin Mary*” de Justin Green, “*Cicatrizes*” de David Small, “*Persepolis*” de Marjane Satrapi, “*Epilético*” de David B. Entre outros. No entanto, também podemos observar que muitas obras desse gênero também se propõem em compor uma narrativa de aspecto mais documental de uma realidade experimentada e, às vezes, com a preocupação de abordar algo de relevância histórica e jornalística e não apenas individual ou subjetiva, como o caso de “*Citizen 13660*” de Miné Okubo, “*Palestina*” de Joe Sacco, “*Shezen*” de Guy Delisle, “*Gen – Pés descalços*” de Keiji Nakazawa, entre outros. Que desejam não apenas retratar a vida do autor, mas também as condições e relevâncias históricas e sociais de um determinado momento, atribuindo a obra um aspecto mais documental, e por vezes mais investigativo. No entanto, o aspecto confessorio do discurso ainda está subjacente, mesmo que de forma menos intensificada.

No que diz respeito aos aspectos das composições gráficas e formais dos quadrinhos autobiográficos, não há uma regra que sustente o gênero. Pois, os estilos e técnicas são muito variadas entre si. Bem como a dinâmica da narrativa e seu ritmo de apresentação e construção formal. Em, “*Pagando por sexo*” de Chester Brown, por exemplo, o autor opta por um estilo de paginação que comporta sempre quadros de um tamanho fixo, contendo geralmente oito por página. Seu planos geralmente são distanciados e ele praticamente não recorre a nenhum close-up, o que torna seu quadrinho um tanto quanto austero e pouco emotivo. Todo esse aspecto formal e estilístico corrobora seu posicionamento crítico em cima de uma questão que geralmente é experimentada pelo viés de emoções intensas. Assim, julgo que cada autor faz um uso de composição de páginas e estilo gráfico e formal que combine ou até se contraponha

(dependendo do objetivo do autor) ao que pretende sugerir como temática ou um clima coerente ao que propõe em sua obra.

Mesmo muitos quadrinhos vendidos sob a classificação desse gênero, não são simplesmente uma autobiografia. “*Maus*”, por exemplo, talvez seja mais uma biografia do que uma autobiografia, pois mais da metade da obra destina-se a narrar os eventos da vida de um outro, que não o autor. “*Palestina*” de Joe Sacco, também está mais comprometido em retratar as agruras de um país em constante conflito do que as idiossincrasias de um autor. No entanto, nem numa nem noutra os autores deixam de se representar e expor seus pensamentos e opiniões, admitindo-se como um personagem da narrativa. E quando Joe Sacco vai a Palestina com um interesse investigativo e jornalístico, ele vai por um sentimento de desconforto diante do que a mídia e os meios de comunicação sensacionalistas dizem a respeito desses conflitos. Ou seja, aquele sentimento de que algo ainda precisa ser esclarecido e analisado com maior cuidado. De que algo ainda precisa ser dito para nos aproximarmos da verdade sobre um determinado fato, evento ou experiência. O que também ocorre em “*Maus*”.

As análises que farei a seguir buscam elucidar, por meio de exemplos práticos, algumas características gerais de formas narrativas encontradas nos quadrinhos autobiográficos que se coadunam ao que identifiquei e acentuei nessa pesquisa. Assim, devido a sua temática, mérito e importância no cenário crítico e também por aproximações com o meu próprio trabalho prático, escolhi duas obras que, como a minha, abordam questões religiosas e expõem um argumento confessional de uma forma nítida e perceptível.

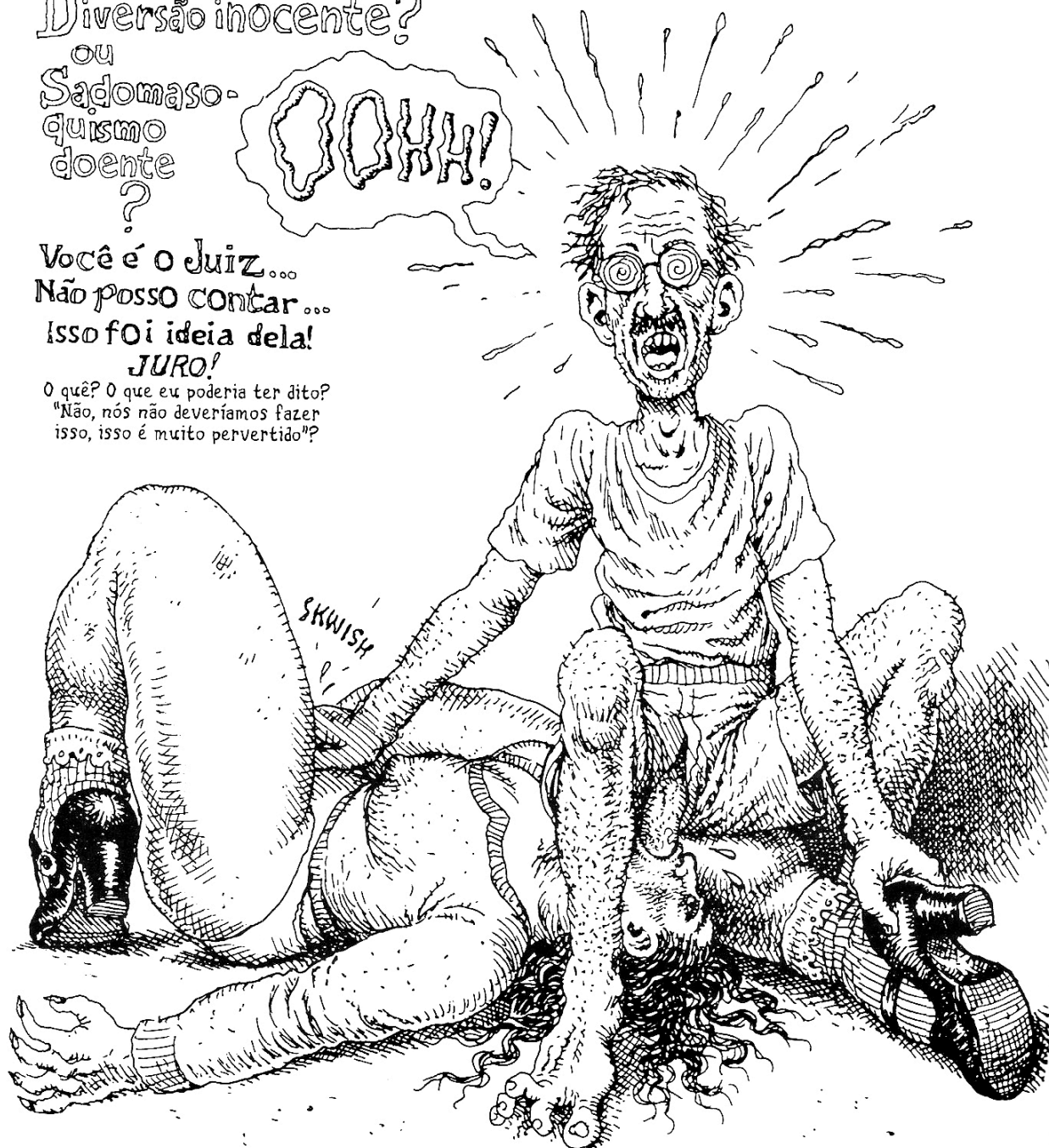
Diversão inocente?

ou
Sadomaso-
quismo
doente
?

OOHH!

Você é o Juiz...
Não posso contar...
Isso FOI ideia dela!
JURO!

O quê? O que eu poderia ter dito?
"Não, nós não deveríamos fazer
isso, isso é muito pervertido?"



TÁ CERTO, BOB, TUDO BEM... MAS
POR QUE TEM QUE MOSTRAR ISSO
PARA O PÚBLICO? O QUE ESTÁ
TENTANDO PROVAR??

...É...HÃ... É UMA ODE... DEDICADA A UM MOMENTO DE ÊXTASE!
ISSO TÁ BOM?

2.1 Binky Brown Meets The Holy Virgin Mary

Justin Green publicou em 1972 uma história em quadrinho que se tornaria um ponto de referência aos seguintes autores de quadrinhos autobiográficos publicados nos Estados Unidos. Sua obra, como o próprio autor descreve na primeira página de seu livro “Uma confissão aos meus leitores”, nasceu de uma necessidade de se confrontar com suas neuroses e expurgar seus tormentos que o assolavam desde a infância (GREEN, 1972, p.01). Nela, a presença do discurso como confissão é bastante perceptível. Até mesmo porque o autor tinha uma grande inclinação ao fazê-la desde a infância, quando se confessava diante do padre da igreja que frequentava (GREEN, 1972, p.24).

“*Binky Brown Meets The Holy Virgin Mary*” é uma história sobre a trajetória de um grande sentimento de culpa, que se configurou como um transtorno obsessivo compulsivo no autor. Essa sensação teve origem quando Binky Brown (protagonista, alter ego do autor) derrubou, por acidente, uma imagem da Virgem Maria que se espatifou sobre chão (GREEN, 1972, p.02). Binky vinha de uma família cujo a mãe era católica e os dogmas da igreja estavam presentes até mesmo nos seus estudos, visto que estudava numa escola de freiras. A compulsão de Brown em relação aos seus pecados era implacável, praticamente em tudo o que fazia e pensava, enxergava uma inclinação ao pecado. A ponto de ter chegado a ter visões constantes de ver raios emanando de seu corpo e objetos com formas fálicas destruindo igrejas e ícones religiosos (GREEN, 1972, p.25).

Apesar de posteriormente se afastar da religião e dos ritos que a acompanham, Green conduz o leitor a uma narrativa que se desenvolve como uma grande confissão. Desde a primeira página ele se confessa quanto as suas motivações na introdução e prossegue a narrativa relatando tudo o que lhe fazia sentir culpa e remorso. O que fez sua vida se tornar um grande embate com sua consciência impregnada pelo juízo e moral cristãs. O autor só consegue se livrar dessas compulsões quando decide abandonar a igreja, pois considerava seus esforços inválidos para mantê-lo no caminho sagrado. Assim, acabou por se entregar aos pecados do mundo e negou a imagem de Virgem Maria através de uma ira cartática em que destruiu vários ícones da mãe de Deus.

Na página 14 quadro 6 (*fig. 07*), Binky faz um desenho para uma tarefa de casa em que tinha que representar alguma passagem do sacramento com objetos comuns ao cotidiano. Nela vemos a imagem de um pecador colocando seus pecados numa máquina que representa a confissão e dela saem linguíças que representam o fruto da confissão, os pecados perdoados. Essa imagem também pode ser interpretada como a própria ação do narrador ao fazer sua obra. Ao confessar seus pecados cometidos aos leitores, através de sua arte, o narrador tem seus pecados compreendidos. Através dele, entendemos suas motivações e consequências de forma que a trajetória do autor se torna a apreensão de uma experiência íntima e reveladora.

Para a sociedade cristã, talvez seu pecado agora seja a descrença na religião. No entanto, suas exposições e justificativas para tal descrença são esclarecidas em seu texto. Entre elas, a imposição de ideias institucionais sem valor crítico, a santidade repressora representada por um ideal inatingível e sem sentido, o fanatismo dogmático, entre outros. O autor se propõe a apresentar e discutir suas motivações por mais que representar essas experiências possam ser um tanto quanto chocantes ou repulsivas a primeira vista e conflitante ou embaraçoso à moral religiosa. Porém, o desconforto e a pressão diante da situação que viveu não pode ser negado a si mesmo e nem ao público, devido ao compromisso que o confessor faz com a veracidade no relato dos fatos. Assim, através da criação artística o autor vê um sentido em compartilhar essas experiências. E busca estabelecer um posicionamento sincero em relação as suas emoções, trazendo seus incômodos em relação a religião, por mais que esse posicionamento o coloque numa situação de confronto a ela. Um obra que pode ser ingerida.

Essas características fazem com que o trabalho adquira uma carga reflexiva. Essa obra, inauguradora do gênero no ocidente, remonta a um aspecto quase invertido da obra de Santo Agostinho, enquanto que uma se trata da exposição de motivações e jornadas espirituais que levaram o autor ao cristianismo a outra trata da trajetória de um cristão rumo ao mundo profano, embora ambas se tratem de uma confissão. Aspectos que corroboram a ideia que exponho de que a raiz do discurso autobiográfico advém de um sentimento idêntico ou semelhante ao de um confessor que busca admitir ou esclarecer sua sensação de culpa.



Figura 07 – GREEN, Justin. *Binky Brown Meets The Holy Virgin Mary*. Pg. 14)

2.2 Retalhos

O quadrinho de Craig Thompson retrata o período da adolescência do autor. Toda sua narrativa é centrada nas sensações que o autor passou em cada evento que narra, dando enfoque a um romance que teve com uma garota nesse período e como sua relação foi cheia de significados e mudanças na vida do autor. E para retratar esse aspecto o autor faz uso de uma narrativa reflexiva, onde aponta e confessa os erros e as dificuldades do passado, somando a isso uma vasta e rica composição de imagens expressivas.

Logo no início da história somos apresentados a Craig e seu irmão mais novo, Phil. Apesar das frequentes brigas entre os dois, seus pais os obrigavam dormir juntos numa mesma cama. É a partir desse convívio que o autor começa a expor suas culpas.

Craig, como irmão mais velho, ressentia-se da falta de cuidado que sempre teve com o seu irmão mais novo. Na infância os dois tiveram algumas experiências traumáticas como, por exemplo, os abusos que sofreram de seu próprio *baby-sitter*, o castigo que seus pais lhe infligiam (geralmente ao irmão mais novo) de dormir num quarto abandonado quando eles brigavam, além das dificuldades no convívio escolar. O discurso de Craig em relação ao seu irmão é de alguém que sente culpa por não tê-lo protegido quando ele precisou e o próprio livro é dedicado a sua família, uma confissão a ela (vide dedicatória). Além disso, o livro é uma forma de expor seus motivos de ter abandonado a religião de seus pais, católicos que beiram o fanatismo.

Craig quando jovem era um garoto tímido e retraído. Na igreja que frequentava junto a seus pais, Craig aprendia os ensinamentos cristãos e quando soube da possibilidade de viver no paraíso após a morte, aquilo lhe deu esperança (THOMPSON, 2009, pág. 50 e 51). Ele passou a buscar a viver sua vida de acordo com as premissas cristãs, acreditando que a vida era só uma passagem e que depois viria a vida eterna (THOMPSON, 2009, pág. 53). No entanto, suas paixões sempre contradiziam sua fé e Craig se pressiona a seguir com mais atenção o caminho de Deus. Desde esse período Craig sentia um desconforto em relação a isso tudo. Além do mais, seus pais eram implacáveis em relação a tudo que ele e seu irmão fizessem que poderia ser considerado um pecado, como por exemplo, desenhar monstros e um corpo feminino nu. Craig deseja se livrar disso tudo e chega a queimar várias coisas. Conforme vai crescendo, Craig tem novas paixões, mas sua fé ainda lhe traz decepções e culpas. Conforme vai amadurecendo ele vai se tornando consciente das contradições que rodeiam a igreja. Como a falta de qualquer ceticismo entre os crentes quanto as contradições das escrituras, o condicionamento passivo de certas práticas irrelevantes, o rigor hipócrita da igreja quanto aos mandamentos sagrados, entre outros. Até que ao encontrar algumas passagens contraditórias na Bíblia e perceber que elas eram resultados de várias alterações de acordo com o tempo e não a palavra direta de Deus, Craig resolveu abandonar a religião (THOMPSON, 2009, pág. 549).

Assim, toda a narrativa de Craig se comporta como um confissão a respeito da sua perda de fé na religião e numa reflexão sobre suas paixões e convívio com sua família. Ao sair do seio de uma família de fé rígida e retratar os aspectos mais íntimos de sua vida, Craig assume um compromisso com a sinceridade e assume as decepções que isso pode gerar entre eles. A confissão que antes era uma resquício de medo e temor em não

mais ter acesso ao paraíso e a vida eterna com Deus, agora é uma reflexão madura quanto as suas experiências de vida. A confissão aqui pode ser entendida como uma situação de desconforto que ainda perdura enquanto não for esclarecida. Craig tem de se confessar a sua família e seus amigos e sua forma de fazer isso é através de sua paixão, o desenho. Ao fazê-lo, ele retrata os dramas de sua vida para deixar uma marca no tempo, um “mapa de seus passos” (THOMPSON, 2009, pág. 581), para lidar com as verdadeiras sensações que impulsionaram a sua vida até fazer ele se tornar o que é atualmente.

A trajetória de Craig se configura como uma descoberta, um jogo de autoconhecimento. Esse sentimento de desconforto pode ter sido o grande motivador da obra. É nesse sentimento que identifico grande parte do motivação inicial dos autores que resolvem retratar a si mesmo. Uma forma de encarar suas próprias emoções e conduzir um olhar reflexivo até elas. E a raiz da necessidade de se confessar é exatamente o desconforto, como a própria etimologia da palavra demonstra. A verdade que o penitente (no termo católico) assume ao se expressar antes da verdade factual, é a verdade de suas emoções, de como as situações foram experimentadas pelo autor.

3. CESARIANA

A técnica escolhida para a arte gráfica foi o desenho em nanquim, feitos com pincel, bico-de-pena e caneta de ponta porosa descartável, resultando em imagens em preto e branco. O suporte utilizado foi papel A3 branco de 180g. As páginas são digitalizadas e o texto é escrito e adicionado em plataforma digital, exceto as onomatopéias, que também são desenhadas a mão.

Quanto a paginação, as composições de planos, o estilo gráfico e a forma narrativa que escolhi em meu trabalho, são resultantes de uma série de referências e estudos de dinâmica narrativa e visual que fossem apropriado ao que busco propor como forma condutora da história. No capítulo um (primeira revista, pg. 01 a 04), busquei uma dinâmica de montagem e enquadramento que se aproximassem da estética de vídeos de skate, que tiveram grande influência sobre mim nesse período que retrato. Mais propriamente o gênero chamado “*Street*” e “*Freestyle*”, que é uma modalidade esportiva que consiste em usar as ruas da cidade como pista para a prática do esporte, além de caracterizar uma ideologia praticada por esses skatistas. Nesses vídeos de skate,

como por exemplo os da “411VM”¹⁶, podemos observar uma série de recursos estéticos que caracterizam essa modalidade de vídeo. Como, por exemplo, o uso de planos baixos para destacar apenas as manobras realizadas pelos skatistas, o constante uso da lente “olho-de-peixe” que distorce lateralmente o plano e cria uma sensação de alargamento do espaço em forma esférica, o uso de câmera na mão, característicos de uma modalidade amadora e de uma abordagem direta, o que confere mais realismo às manobras registradas e diminui a chance de um efeito de pós-produção que poderia tornar inverossímil a manobra realizada, a utilização de cortes diretos de um plano para outro na edição do vídeo, sem efeitos como fusão ou “fade in” e “fade out” entre eles, cujo a montagem geralmente é conduzida por uma música que, de certa forma, dita sua dinâmica. Esses aspectos formais caracterizam também a postura ideológica desses skatistas que vêem a rua como um meio de expressão, por isso a arte urbana, como o grafite e a intervenção são outros meios expressivos também adotados por eles, onde entra uma postura de rebeldia e ousadia que são característicos desse gênero (*Street*). Assim, adotei nessas páginas, uma dinâmica de fluxo de imagens que buscam simular essas características, numa espécie de jogo de aleatoriedade e alargamento de espaço, onde esses aspectos buscam ser evocados. No entanto, não tratei essa forma visual e narrativa como o condutor geral da história, mas apenas em momentos mais propícios.

Os requadros são sempre delineados de forma retangular e a narração geralmente se encontra fora do requadro. A narração, em *Cesariana*, geralmente visa um aspecto explicativo ou a expressão de uma opinião ou emoção particularmente idiossincrática.

O estilo gráfico busca seguir um padrão formal de imagens em contraste de preto e branco. Que aumentam sua intensidade dependendo do tempo em que a cena ocorre (dia ou noite) ou de sua densidade dramática. Onde busco algumas referências cinematográficas (em relação ao sombreamento filmes noir e outros preto e branco, com sombras duras, em relação ao enquadramento e planos, filmes com temáticas aproximadas, como “Paranoid Park” (2007), “Elephant” (2003), etc); plásticas (os gravadores Rubem Grilo, Oswaldo Goeldi) e de cartunistas e ilustradores de quadrinho (Charles Burns, Daniel Clowes, Robert Crumb, David B., Cássio Loredano, Lourenço Mutarelli, Will Eisner e Craig Thompson).

¹⁶ Produtora e distribuidora norte-americana de vídeos de skate.

3.2 Motivações

O que busquei analisar em minha pesquisa são aspectos que também motivaram a criação de meu próprio trabalho prático como bacharelado, que também surgiu de uma necessidade de confissão. A escolha do projeto foi consequência de um desejo que teve início a partir de um dos eventos retratados na história, que representa o ápice dramático da narrativa. Trata-se da cena em que o personagem Cesar aparece em minha casa com o pulso cortado (Página que ainda não foi desenhada e ainda não fará parte do volume número 2 da série). A partir desse momento, ficou evidente para mim que os problemas que meus amigos vinham enfrentando eram bastante sérios e urgentes. Desde essa época eu desejava algum dia usar elementos de suas vidas para fazer uma história em quadrinhos. Algumas das minhas outras motivações são apresentadas no decorrer da própria história. Entre elas o impacto que a descoberta e leitura de alguns livros e histórias em quadrinhos tiveram sobre minha percepção estética e filosófica.

Meu interesse por histórias em quadrinhos já existia desde a adolescência. Com isso, acabei entrando em contato com obras de autores que trabalhavam com a temática autobiográfica, o que me levou a compreendê-la como uma forma narrativa adequada ao quadrinho, por sua estrutura livre e manual semelhante à de um diário, a partir da óptica do narrador que se admite também como um personagem e se retrata a partir de um ponto de vista próprio. Em grande parte dos trabalhos desse gênero é perceptível a busca do autor em abordar os diferentes aspectos de sua própria personalidade, algo que emerge esse aspecto de confissão que tratei até aqui. Elemento que Scott McCloud, em seu livro *“Desenhando Quadrinhos”* identifica como um desejo de honestidade e conexão com a vida real como um dos propósitos comuns dos artistas da área (MCCLOUD, 2006, p.231).

O contato com essas obras autobiográficas me levaram a refletir sobre como contar a minha história. Não se tratava apenas de tentar entender o porque de aqueles meus dois amigos (Ana e Cesar) terem passado por crises depressivas, mas simplesmente acompanhá-los enquanto eles passavam por aquilo, o desconforto em que fiquei, as preocupações e as dúvidas que tive ao tomar consciência disso. Percebi que o que eu queria era uma espécie de confissão. Deixar de lado as explicações e permitir que os personagens interagissem e dialogassem entre eles.

A partir dessa reflexão o que eu busquei foi fazer um apanhado dos momentos que considere mais significativos, inclusive alguns quase estruturalmente irrelevantes. Mas que, de uma forma ou de outra, abrem uma possibilidade para que se perceba algo mais sobre esses personagens.

Outra questão importante se colocava para mim: lembrar aqueles momentos, ocorridos há mais de oito anos atrás, significava reinterpretá-los. Pois, a percepção que tenho deles agora não é a mesma que tive enquanto eles ocorriam. Pude perceber com mais nitidez o quanto as experiências da véspera influenciaram no crescimento do meu ceticismo em relação aos dogmas cristãos que permeavam minha vida. Esse período que retrato foi uma espécie de fagulha que deu início aos meus pensamentos e me levaram a um amadurecimento. Essas mudanças e transformações representaram um fator que tornava a relação entre eu e meus amigos tão importantes para mim, a ponto de eu considerar interessante de narrá-las. Assim, busco construir uma história que me permita compartilhar essa experiência e tenho a perspectiva de continuar a desenvolvê-lo e publicar cada capítulo consecutivamente.

CONCLUSÃO

Analisei esses trabalhos autobiográficos com o intuito de encontrar características comuns e específicas nos quadrinhos autobiográficos, assim como aproximações que observo com a minha própria produção. Pois, se esta forma literária já se encontra sob a classificação de um gênero próprio é porque ele tem características específicas e singulares. No entanto, é preciso ressaltar que o simples fato de uma obra conter esse aspecto confessório não a torna, por definição, uma obra autobiográfica. Uma ficção comum pode conter esse aspecto ou até uma falsa autobiografia. Porém, o que busco demonstrar é que toda autobiografia de uma forma, menos ou mais intensamente perceptível, carrega um caráter confessório.

Assim, o que concluo é que para que uma obra seja classificada como autobiográfica, o essencial é que o autor a declare como tal, seja por meio de um personagem homônimo que se apresente como ele ou por meio de algum vestígio em que o público possa fazer essa associação. No entanto, todas elas buscam uma espécie de esclarecimento ou a retratação de algo que o autor julga digno de se expressar.

Essas mesmas características são pontos que considero relevantes em minha própria produção prática. E que determinam o aspecto central desse trabalho em desenvolvimento, que se propõe a ser uma confissão em forma narrativa e pictórica. Por isso, os eventos autobiográficos que exponho são os mais determinantes nas escolhas e decisões do período que retrato. Ao me centrar na vida e conversas que tive com dois amigos (Ana e Cesar) e os aspectos e as impressões de minha experiência religiosa, busco alcançar os fatores que mais me instigaram e me impulsionaram.

Bibliografia

- BROWN, Chester. *Pagando Por Sexo*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- CRUMB, Robert. *Minha Vida*. São Paulo: Conrad, 2010.
- CRUMB, Robert. *A Mente Suja de Robert Crumb*. São Paulo: Editora Veneta, 2013.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano Artes de Fazer*. Vozes, 2000.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e Arte Sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- EISNER, Will. *Narrativas Gráficas Princípios e Práticas da Lenda dos Quadrinhos*. São Paulo: Devir Livraria. 3ª Edição, 2013.
- GRAVETT, Paul. *1001 Comics You Must Read Before You Die*. editora Cassell Uk, 2011.
- GREEN, Justin. *Binky Brown Meets The Holy Virgin Mary*. Last Gasp Eco Funnies, 1972.
- KIOSKERMÁN; ARANGURI, Luis; GÁSPARI, Victor. *Revista Antílope 1*. Publicação Independente. São Paulo: 2013.
- MCCLOUD, Scott. *Desvendando os Quadrinhos*. São Paulo: M. Books, 2004.
- MCCLOUD, Scott. *Desenhando Quadrinhos*. São Paulo: M. Books, 2008.
- NAKAZAWA, Keiji. *Gen – Pés Descalços*. São Paulo: Editora Conrad, 2001.
- OKUBO, Mine. *Citizen 13660*. New York: Columbia University Press, 1946. New York: Arno Press 1978. Seattle: University of Washington Press, 1983.
- PEKAR, Harvey; CRUMB, Robert. *Bob e Harv Dois Anti-Heróis Americanos*. São Paulo: Conrad, 2010.
- PEKAR, Harvey; PISKOR, Ed; BUHLE, Paul. *Os Beats*. São Paulo: Editora Benvirá, 2010.
- SACCO, Joe. *Palestina: Na Faixa de Gaza*. São Paulo: Editora Conrad, 2008.

SPIEGELMAN, Art. *Maus a História de Um Sobrevivente*. São Paulo: Cia das letras, 2009.

THOMPSON, Craig. *Retalhos*. São Paulo: Cia das letras, 2009.

www.wikipedia.org

<http://www.tcj.com/the-abcs-of-auto-bio-comix-2/>